

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Filosofia**

Armando Luís Cuco

**Cultura pós-moderna: uma análise das metamorfoses sociais a partir de Zygmunt  
Bauman**

(Licenciatura em Filosofia)

Maputo, Março de 2024

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Filosofia**

Armando Luís Cuco

**Cultura pós-moderna: uma análise das metamorfoses sociais a partir de Zygmunt  
Bauman**

(Licenciatura em Filosofia)

Monografia Científica a ser apresentada à  
Faculdade de Filosofia, da Universidade  
Eduardo Mondlane, para obtenção do grau de  
Licenciado em Filosofia.

Supervisor:

Mestre Azevedo Jacinto Witnesse

Maputo, Março de 2024

**DECLARAÇÃO DE HONRA**

Eu, Armando Luís Cuco, declaro, por minha honra, que esta monografia nunca foi apresentada, em nenhuma instituição, dentro ou fora do país, para a obtenção de qualquer grau acadêmico e que constitui o resultado da minha investigação, estando indicadas, no texto e nas referências bibliográficas, as fontes que foram utilizadas, por isso que respondo qualquer responsabilidade referente à originalidade da mesma.

O Candidato

---

Armando Luís Cuco

*“Ouvimos muitas vezes que as pessoas adquiriram mentalidade individualista, interessando-se egocentricamente só por si mesmas, à medida que, com o advento da modernidade, ficaram sem Deus e perderam a fé em dogmas religiosos”*(Zygmunt Bauman, 1997:10).

À minha esposa, Laura Tembe Cuco, e aos meus filhos, Joeldine Cuco,  
Olga Ebenézer Cuco e Vicente Elisha Cuco.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida e por ter me acompanhado durante toda jornada académica com saúde, força e energia necessária para desafiar todas barreiras.

À minha esposa, Laura Emídio Tembe Cuco, e aos meus filhos, Joeldine Cuco, Olga Ebenézer Cuco e Vicente Elisha Cuco, pelo carinho e simplicidade que manifestaram durante todo o meu percurso académico, bem como pelo apoio moral e material.

Ao meu supervisor, Mestre Azevedo Jacinto Witinense, pela paciência que sempre proporcionou em aturar os meus fracassos, bem como pelo apoio académico que prestou durante a redacção deste trabalho.

À Universidade Eduardo Mondlane, particularmente a Faculdade de Filosofia, pelos conhecimentos compartilhados durante as aulas e em outros ambientes adjacentes.

Às demais individualidades, Corpo-Docente da Faculdade de Filosofia, funcionários das diversas áreas, colegas da turma, amigos, companheiros, entre outros, que, de forma directa e/ou indirecta, contribuíram para a concretização deste trabalho.

Muito obrigado!

## RESUMO

O presente trabalho tem como título: *Cultura pós-moderna: uma análise das metamorfoses sociais a partir de Zygmunt Bauman*. O trabalho tem como objectivo analisar a cultura pós-moderna à luz do pensamento de Zygmunt Bauman. À primeira vista, a pós-modernidade é concebida como a época posterior à modernidade. Cronologicamente, compreende, embora não de forma uniforme, o século XX a esta parte. Do ponto de vista sociológico e filosófico, a pós-modernidade é um período em que houve registo de grandes transformações sociais e económicas, em resultado, por um lado, da decadência das metanarrativas pregadas pela modernidade e, por outro lado, como resultado de a modernidade ter conseguido, alegadamente, emancipar o homem. A escolha do tema deve-se à necessidade de se compreender algumas das questões inerentes aos tempos actuais, com destaque para aquelas que constituem as marcas peculiares da modernidade líquida. Ao nível social, o trabalho mostra que, apesar do diagnóstico negativista da actual realidade, ainda resta alguma esperança. Para demonstrar essa ideia, Bauman recorre às ideias de Lévinas, que reitera a necessidade de se tomar, mesmo em um mundo individualista, a responsabilidade incondicional pelo Outro. Hoje, mais do que nunca, a humanidade precisa repensar as crises que se apresentam, de forma a se trazer propostas de solução das mesmas. A compreensão das metamorfoses que ocorrem na pós-modernidade constitui um mecanismo de antecipação de alguns pontos, ao mesmo tempo que serve como facilitador do processo de criação de utopias. Em termos de métodos, usou-se da revisão bibliográfica e, como técnica, usou-se a hermenêutica textual.

**Palavras-chave:** modernidade sólida, modernidade líquida, metamorfoses sociais, Zygmunt Bauman.

## ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 8  |
| <b>CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE ZYGMUNT BAUMAN</b><br>..... | 11 |
| 1.Influências teóricas ao pensamento de Zygmunt Bauman.....                  | 11 |
| 1.1.Illuminismo .....  | 12 |
| 1.2.A ética da alteridade de Lévinas .....                                   | 14 |
| 1.3.A psicanálise de Freud .....   | 16 |
| 1.4.A ideia de responsabilidade de Jonas.....                                | 18 |
| 1.5.O conceito de crise em Hannah Arendt .....                               | 20 |
| 2.O advento dos tempos líquidos .....  | 21 |
| <b>CAPÍTULO II: CARACTERIZAÇÃO DA MODERNIDADE LÍQUIDA</b> .....              | 23 |
| 1.Tempos sólidos <i>versus</i> modernidade líquida .....                     | 23 |
| 2.Marcas da sociedade líquida .....  | 25 |
| 2.1.Consumismo .....   | 26 |
| 2.2.Insensibilidade e medo.....  | 28 |
| 2.3.Individualismo exacerbado .....  | 30 |
| <b>CAPÍTULO III: IMPLICAÇÕES DA MODERNIDADE LÍQUIDA</b> .....                | 33 |
| 1.Globalização e sua manifestação na modernidade líquida .....               | 33 |
| 2.Consequências da modernidade líquida.....                                  | 35 |
| 2.1.A liquidificação da política.....  | 36 |
| 2.2.A fragilidade da educação.....   | 38 |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | 41 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....                                      | 43 |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título: *Cultura pós-moderna: uma análise das metamorfoses sociais a partir de Zygmunt Bauman*. A pós-modernidade é entendida, à primeira vista, como o período posterior à modernidade. Em termos cronológicos, compreende, embora não de forma uniforme, o século XX a esta parte. Do ponto de vista sociológico e, sobretudo, filosófico, mais do que uma mera cronologia, a pós-modernidade é um período em que houve registo de grandes transformações sociais e económicas em resultado, por um lado, da decadência das metanarrativas pregadas pela modernidade (capitalismo, iluminismo, marxismo) e, por outro lado, como resultado de a modernidade ter conseguido, alegadamente, emancipar o homem.

No período pós-moderno, conceitos como ética, política, epistemologia, valores morais, sexualidade, consumo (compra e venda), casamento, relações sociais, felicidade, identidade, entre outros, ganharam uma nova roupagem tal como ocorreu nos outros períodos do decurso do espírito filosófico, mas, com alguma particularidade: enquanto nos outros períodos, apesar de ter-se registado grandes transformações, a questão social prevaleceu, ainda mais, os valores morais eram fortes no período grego-clássico, no período medieval assiste-se o apogeu da fé em relação a razão, sendo que esta última conquistou o pódio no período moderno.

Na pós-modernidade, parece não existir a predominância de nenhum destes valores de forma persistente, razão pela qual, Bauman chama a pós-modernidade como modernidade líquida: período sem equação canónica para a medição da vida em sociedade. A questão é ainda disposta em perguntas como: em que contexto emergem as reflexões de Bauman sobre a modernidade líquida? Quais são as particularidades da modernidade líquida? Terão, as análises de Bauman, sobre a modernidade líquida, algumas implicações?

A escolha do tema deve-se à necessidade de se compreender algumas das questões inerentes aos tempos contemporâneos, com destaque para aquelas que constituem as marcas peculiares da modernidade líquida, o consumismo e o individualismo.

Ao nível social, o trabalho tem sua relevância na medida em que mostra que, apesar do diagnóstico negativista da actual realidade, ainda resta alguma esperança. Para demonstrar essa ideia, Bauman recorre, sobremaneira, às ideias de Lévinas, que reitera a necessidade de se tomar, mesmo em um mundo individualista, a responsabilidade incondicional pelo Outro. Hoje, mais do

que nunca, a humanidade precisa repensar as crises que se apresentam, de forma a se trazer propostas de solução às mesmas. A compreensão das metamorfoses que ocorrem na pós-modernidade constitui um mecanismo de antecipação de alguns pontos, ao mesmo tempo que serve como facilitador do processo de criação de utopias.

O trabalho tem como objectivo geral: analisar a cultura pós-moderna à luz do pensamento de Zygmunt Bauman. E tem como objectivos específicos: a) contextualizar a génese do pensamento de Bauman; b) identificar as características da modernidade líquida; ec) explicar os impactos da modernidade líquida.

Para a fundamentação do trabalho, recorreu-se a alguns conceitos, onde, em Bauman, se usou o conceito de mal-estar na pós-modernidade (1998), no qual o autor postula, inspirando-se em Freud, que nos tempos actuais se vive num contexto de crise e infelicidade. Essa ideia, serve de base ao trabalho na medida em que se apresenta como o prelúdio para todas as reflexões posteriores do autor sobre a modernidade líquida.

Os conceitos de Bauman sobre a modernidade líquida servem de importante base para a presente monografia. A partir das análises e reflexões deste autor, sobretudo na obra: *Tempos líquidos* (2007), onde o autor apresenta as ideias e características fundamentais dos novos tempos. Essas ideias, portanto, somadas, servem de embasamento para o desenvolvimento dos pontos apresentados na presente monografia.

Em termos de métodos, usou-se da revisão bibliográfica que permitiu a recolha do material que aborda os temas em causa. E, em termos técnicos, usou-se a hermenêutica textual, que consistiu na interpretação, compreensão e confrontação da bibliografia recolhida.

A monografia encontra-se disposta em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado: *Contextualização do pensamento de Zygmunt Bauman*, contextualiza-se o pensamento de Bauman, tendo como destaque as principais ideias e pensadores que, juntos, contribuem para edificação de seu pensamento. Também são abordados alguns aspectos inerentes ao contexto precedente ao pensamento de Bauman.

No segundo capítulo, intitulado: *caracterização da modernidade líquida*, identifica-se os principais traços diferenciais da modernidade sólida e da modernidade líquida, de tal forma que a

última se apresenta como um período de excessos, onde o consumo, o individualismo e o medo ganham proporções nunca antes vistas. E, no último capítulo, intitulado: *implicações da modernidade líquida*, analisa-se o impacto que a liquidificação (fragilização) traz, em particular na sociedade: na educação e na política.

## CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE ZYGMUNT BAUMAN

Neste capítulo, busca-se contextualizar o pensamento de Bauman. Como não deixaria de ser, Bauman é influenciado por diversos autores, de todos os períodos históricos. Ainda no âmbito da contextualização, traz-se, também, as influências, em termos de teorias, conceitos e ideias que moldam o seu pensamento. Bauman é, sobremaneira, influenciado por aqueles filósofos que se propõem pensar as mazelas trazidas pelas Duas Guerras.

### 1. Influências teóricas ao pensamento de Zygmunt Bauman

Regra geral, o pensamento de determinado autor não se forma no vazio ou, ainda mais, num passe de mágica. Por isso mesmo, há condicionamentos histórico-epocais que despoletam suas reflexões. Ou seja, há influências de outros autores e teorias que, juntas, dão vida ao pensamento. O caso de Zygmunt Bauman<sup>1</sup> não foge à regra, pois ele é influenciado por pensadores das mais diversas áreas, com maior destaque para filósofos, fazendo jus à ideia de se estar a viver, nos tempos actuais, em um contexto de interdisciplinaridade, e não mais de um isolamento.

Assim sendo, neste capítulo propomo-nos a trazer algumas influências ao pensamento de Bauman. Uma vez que não é possível trazer aqui todas as influências, nos ateremos àquelas mais essenciais e que estão ligadas ao tema tratado nesta monografia. Pensadores como, Sigmund Freud, Immanuel Kant, Emmanuel Lévinas, Hans Jonas, Hannah Arendt, entre outros.

---

<sup>1</sup> Bauman nasceu na cidade de Posnânia, Polónia, no dia 19 de Novembro de 1925 e morreu a 9 de Janeiro de 2017. Sendo de família pobre e de origem judia, as oportunidades que poderia ter no futuro em termos de educação universitária não eram promissoras, pois além das universidades polonesas disporem da norma do *numerus clausus* em relação aos judeus, seus pais não podiam financiar seus estudos no estrangeiro como eram comum em famílias abastadas. Bauman é um sociólogo polonês, foi professor emérito de sociologia da Universidade de Leeds, o qual tem ganhado notoriedade nas últimas décadas. De maneira especial, tem-se dedicado a analisar sociologicamente — sobretudo, a partir do conceito de modernidade líquida — os mais variados temas contemporâneos, tais como política, amor, comunidade, trabalho, consumo, identidade, tempo, entre outros. Lançando mão de dados estatísticos, muito comum em sua área de conhecimento, ele prefere, geralmente, falar a partir do quotidiano do ser humano e de um olhar eclético e perspicaz, que vai além dos cânones académicos. Seus textos ainda são marcados pela contundência às questões éticas e humanitárias inerentes da condição humana. Embora tenha produzido bastante desde a década de 50, é a partir do final da década de 80 que sua obra desponta no cenário mundial, quando justamente começa a se debruçar sobre assuntos relativos à modernidade. Entretanto, sua vida mudaria drasticamente após a eclosão da II Guerra Mundial. Logo após a invasão do território polonês pelos nazistas em 1939, quando tinha 14 anos, fugiu com a família para a extinta União Soviética — actual Rússia. Aos 18 anos, em 1943, se alista ao exército polaco formado na própria União Soviética. Bauman perde a vida em 2017, com 91 anos de idade (Cfr. DOS SANTOS, 2014: 84).

### 1.1. Iluminismo

Bauman é amplamente influenciado pelas ideias do iluminismo (Kant) e, em certa medida, do positivismo (Auguste Comte). O iluminismo postula que os homens, por meio de sua razão, podem se libertar das amarras da Natureza, e não só. Assim, o iluminismo tinha como meta, “...a criação de um “novo homem”, equipado com outros pontos de referência e padrões flexíveis, adaptáveis, em lugar das regras eternas até então impostas pelas comunidades tradicionais, do berço ao túmulo, que [...] foram perdendo de modo gradual [...] seu valor pragmático ou caindo em desuso num ritmo acelerado” (BAUMAN, 2013a: 40).

O iluminismo é tomado como exemplo de metanarrativa. “Metanarrativas são filosofias da história[...] “metassaberes” que estabelecem a perspectiva de conhecer a realidade e poder realizar um mundo mais justo; poder, através do conhecimento, emancipar o homem, trazer-lhe a luz, salvá-lo do obscurantismo, da selvageria, da alienação” (DA SILVA, 2012:1). Assim, percebe-se que, de facto, o iluminismo constitui uma das mais destacadas metanarrativas do pensamento moderno, na medida em sua ambição estava ligada à libertação do homem por meio da razão e conhecer a tudo, por meio da mesma razão. Esta corrente aparece como reacção ao que se viveu na Idade Média, de tal modo que seus defensores se propõem um novo *modus operandi*, que vai libertar o homem do obscurantismo e da selvageria.

Esta corrente defendia que a razão e seus derivados, o progresso científico e a tecnologia, conduziriam a humanidade à felicidade, emancipando-a dos dogmas, mitos e superstições. Conquanto, a história mostrou que, na prática, tais teorias não funcionaram conforme o previsto. Ao mesmo tempo em que a razão e a ciência melhoraram as condições de vida das pessoas, promovendo a cura para as doenças e a alfabetização em larga escala, também deram ao homem o poder de produzir armas de destruição em massa, como a bomba atômica lançada em Hiroxima em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, além de provocar mudanças climáticas causadas pela poluição nas grandes cidades, e que hoje ameaçam a sobrevivência da espécie humana.

A catástrofe da "Grande Guerra" solapou a confiança investida por quase dois séculos na sabedoria e eficácia de uma ordem construída por seres humanos, baseada na ciência e na tecnologia, também colocando em dúvida a convicção de que essa ordem deveria chegar mais alto em termos do bem e da **JUSTIÇA** a que promovia do que a natureza jamais seria capaz de fazer (BAUMAN, 2009a: 98).

Com esse trecho, o autor mostra que se, há tempos, à razão era legado um lugar de destaque, com os eventos decorrentes (guerras e mortes), a mesma caiu por terra. Hoje, mais do que nunca, se sabe que a razão deve ter seus limites. O *homo omini lúpus* hobbesiano mostra, neste sentido, que é o próprio homem, detentor das faculdades da razão, que comete as mais terríveis atrocidades, contra seu semelhante e contra a Natureza.

Bauman, nas análises sobre o iluminismo, comentando a afirmação de Francis Fukuyama, de que o sonho do iluminismo, de maneira alguma, deve ser tomado como irreal ou mal concebido, mas, segundo o autor, foi sonhado antes da hora e em condições inadequadas (campos de concentração, lavagem cerebral, e outros alterocídios).

Se Fukuyama agora está certo pode ser, para dizer o mínimo, uma questão discutível. O que não está em dúvida, porém, é a conexão entre os novos feitos da tecnociência e o advento de uma era de novos medos e novas distopias. Os medos e as distopias certamente alcançaram o nível das novas perspectivas tornadas viáveis pela nova tecnociência (BAUMAN, 2009b: 168).

Com esse pensamento, Bauman reitera, hipoteticamente, que o pensamento de Fukuyama tem sua razão de ser. Conquanto, actualmente assiste-se, de facto, a uma ascensão de novos medos, onde a distopia tende a ocupar o lugar que antes era tomado pela utopia. A utopia tem que ver com o povo, com a maioria e com a *coisa pública*, ao passo que a distopia está ligada à degeneração da utopia, onde não é mais o povo que sonha, mas meros indivíduos. Deste modo, a utopia diz respeito às massas e a distopia aos indivíduos.

Se um dia já houve projeto de Iluminismo, ele serviu de envoltório para a ideia de emancipação. Antes que a liberdade tivesse chance de introduzir a humanidade e todos os seus membros no mundo da autonomia e da auto-afirmação, essa humanidade precisava ser libertada da tirania (BAUMAN, 2011: 96).

Bauman, em determinados momentos, olha para o iluminismo como algo, em certo modo, positivo, na medida em que foi graças a esse movimento iniciado por Kant que a humanidade se viu, livre. Também é graças a este movimento que a ideia de que a história é produto da razão humana, amplamente aceite e discutida hoje, tem sua origem.

## 1.2.A ética da alteridade de Lévinas

A modernidade, aquando de seu advento, tinha como finalidade a eliminação de todas as contingências e ambivalências. Como se estas não fossem uma parte intrínseca da humanidade dos homens. Assim, por meio da razão, da ciência e da técnica se deveria operar à eliminação de toda metafísica. Portanto, é por estas razões que se pode considerar a modernidade como sendo, sem dúvidas, um período de perseguição e eliminação do Outro.

Emanuel Lévinas, filósofo francês de origem judaica, famoso e conhecido pela sua ética da alteridade. Na qual preconiza que se deve, diante de todas as circunstâncias, ter uma responsabilidade para com o Outro. A alteridade significa, portanto, pensar e sentir pelo Outro.

Em um de seus estudos talmúdicos, Emmanuel Lévinas sugere que o poder de fascínio, genuinamente irresistível, da tentação deriva do próprio estado de “ser tentado”, e não da atração dos estados que se promete, se acredita e se espera sejam introduzidos quando alguém se entrega à tentação. O que a tentação oferece tende a misturar o desejo de satisfação ao medo do desconhecido. Enquanto um estado ainda é apenas imaginado e não vivenciado, é tarefa arriscada, talvez até traiçoeira, estabelecer uma linha separando o bem do mal. No estado de ser submetido à tentação (e até o próprio momento da capitulação), o medo do desconhecido, de traçar erradamente essa linha, é dominado pela alegria de ainda ter o lápis na mão, de estar no controle. Lévinas chama esse estado de “tentação da tentação”: o estado de ser traído, em última instância, pela “subdeterminação”, pelo “caráter inconclusivo”, “incompleto”, do momento – esse momento ilusório, brevíssimo, de liberdade, quando você já se tornou livre para escolher (tendo emergido – uma criatura atraída pela tentação – das masmorras da rotina, do tédio, da monotonia e da imobilidade), mas ainda não o fez, mantendo sua liberdade intacta e incólume (BAUMAN; DONSKIS, 2013: 31).

Consideráveis vezes, Bauman cita Lévinas em seus textos. Deste modo, percebe-se que a influência de Lévinas no pensamento de Bauman é inquestionável. Na maioria das vezes que Lévinas é citado por Bauman, sobretudo, é mesmo para reafirmar a alteridade, uma vez que no mundo líquido não há valores como a empatia. Estes foram, como se verá mais adiante (capítulo II), suplantados pelos desvalores, como o individualismo, o consumismo, o medo e a insegurança.

*“... ‘nós’ torna-se um plural de ‘eu’ somente às custas de encobrir a multidimensionalidade dos ‘eus’. ‘nós’ constitui então uma soma, um resultado de contar, um agregado de cifras, e não um todo orgânico...”* (BAUMAN, 1997: 59). Assim como Lévinas, Bauman, olhando para os cenários do mundo actual, onde reina a hiperbolização, entende que o melhor caminho a se tomar

é a (re)valorização do Outro, que tem sido submetido, por meio de nossas acções, a extremas condições.

Mas a má consciência do europeu não está em paz, na hora da modernidade, essencial para a Europa, que é também a hora dos balanços. Má consciência no fim de milénios da gloriosa Razão, da Razão triunfante do saber; mas também no fim de milénios de lutas fratricidas políticas mas sangrentas, de imperialismo tomado como universalidade, de desprezo humano e de exploração e, até este século de duas guerras mundiais, da opressão, dos genocídios, do holocausto, do terrorismo, do desemprego, da miséria sempre incessante do Terceiro Mundo... (LÉVINAS, 2004: 242).

Lévinas constata que a grande questão da Europa tem que ver com a alteridade, uma vez que o homem europeu, com as várias atrocidades cometidas, ao longo da história, sobretudo pelas duas guerras, se encontra em uma condição de total desrespeito pelo Outro. Este sofre perseguição em todas as dimensões. Prova dessa perseguição, são os esforços, contemporâneos, para resgatar e reconhecer a dignidade de todas aquelas dimensões que foram consideradas inúteis ou inferiores na modernidade.

Bauman, assim como Lévinas, se propõe a analisar os tempos em que vivemos. De acordo com Bauman, seguindo a linha de Lévinas, um de seus mestres, ainda vivemos num contexto de desvalorização do Outro. Ademais, esse processo apenas sofreu algumas metamorfoses, com a exacerbação do individualismo e do consumo. Nesta ordem de ideias, o Outro ainda é visto como ameaça, que se deve combater ou espionar, recorrendo a todos os meios possíveis, sobretudo àqueles provenientes da ciência e da tecnologia – como, por exemplo, a espionagem por meio de *drones* quase invisíveis, de que tanto nos fala Bauman.

Na actualidade, não é apenas um indivíduo que desconfia do Outro. O alterocídio deixa de ser ferramenta meramente individual, e passa a ser um meio de luta entre Estados. É por essa razão que os Estados buscam estar mais apetrechados, em termos tecnológicos, para melhor espionar e, se necessário, oprimir outros Estados que não estejam em concordância com as ideias daquele.

Nós somos responsáveis pelo outro, estando atentos a isso ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto sobre a vida de todos, e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas. O que não significa, porém, que nós nos responsabilizamos por isso, que prestamos a devida atenção a esse fato quando agimos ou tomamos decisões (BAUMAN, 2010a: 39).

Lévinas entende que a ética deve ser a filosofia primeira. Essa afirmação é fundamentada pelas acções humanas (desumanas), vistas ao longo da história, sobremaneira pelas duas grandes guerras. Assim, diversos pensadores (Appiah, mais recentemente), defendem que o bem-estar das sociedades contemporâneas repousa, no universo das disciplinas, na ética. Ela deve ocupar o centro.

Ontologicamente, cada um de nós está separado do outro; e Caim tinha razão de se sentir indignado com a pergunta de Deus. É preciso primeiro acontecer alguma coisa para nos colocar juntos, numa espécie de relacionamento em que a pergunta: "Onde estão teu irmão?", se dirigida a mim, soará natural... (BAUMAN, 1997: 83).

Bauman, como forma de criar condições que haja algo que nos liga, enquanto humanos e que devemos obedecer, propõe um leque de deveres que devem ter como origem alguém com poder suficiente de garantir seu cumprimento. Assim, como quer Bobbio, estamos, de facto, *numa era de direitos*, persistindo o desafio de se fazer cumprir os mesmos.

Barbosa e Silva, em seu artigo: *Da alergia à alteridade a readmissão do Outro: a presença de Emmanuel Lévinas na proposta ética de Zygmunt Bauman* (2021), se propõem a analisar o contributo que o pensamento de Lévinas tem na edificação da proposta ética de Bauman. Bauman entende, tal como Lévinas, que se deve combater a alergia pela alteridade, buscando sempre a simpatia, e o desejo de auto-sacrifício pelo Outro (Cfr. BARBOSA; SILVA, 2021: 92).

### 1.3.A psicanálise de Freud

Freud, tido como pai da psicanálise e, juntamente com Marx, Nietzsche e Ricoeur, é tido como o mestre da suspeita. Tal consideração deve-se pelo facto de estes pensadores, em suas teorias, terem trazido à tona aspectos que antes eram tomadas como habituais. Eles não se dão por satisfeitos com o *modus vivendi* das sociedades, e questionam tudo e todos, tendo como finalidade revelar aspectos latentes.

A influência de Freud sob o pensamento de Bauman é algo recorrente. Conquanto, Bauman afirma, de forma particular, a influencia de Freud em seu pensamento, na obra: *O mal-estar na pós-modernidade*. Na introdução, o autor, logo no início, faz menção à obra de Freud, *O mal-estar na civilização*, inicialmente publicado em 1930.

Ainda na mesma obra, Bauman entende que o título da obra de Freud, referida acima, é redundante, na medida em que o homem moderno é o único, no decorrer da história, que tomou a si mesmo como superior e os Outros como inferiores. Por isso a expressão *civilização moderna* é referente, mera e exclusivamente, à modernidade (Cfr. BAUMAN, 1998: 7).

Com a obra: *O mal-estar na civilização*, Freud pretende compreender a fonte da infelicidade, da distinção entre os instintos e a forma como os indivíduos são reprimidos pela sociedade. Assim sendo,

descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e concluiu-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno a possibilidades de felicidade. Um outro fator de decepção junta-se a estes. Nas últimas gerações a humanidade fez progressos extraordinários nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, consolidando o domínio sobre a natureza de um modo antes inimaginável. Os pormenores desses progressos são conhecidos; não é mister enumerá-los. Os homens estão orgulhosos dessas realizações, e têm direito a isso. Mas eles parecem haver notado que esta recém-adquirida disposição de espaço e de tempo, esta submissão das forças naturais, concretização de um anseio milenar, não elevou o grau de satisfação prazerosa que esperam da vida, não os fez se sentirem mais felizes. Dessa constatação deveríamos concluir apenas que o poder sobre a natureza não é a condição única da felicidade humana, assim como não é o único objetivo dos esforços culturais, e não que os progressos da técnica não tenham valor nenhum para a economia de nossa felicidade (FREUD, 2011:26).

Bauman, assim como Freud, lança-se à missão de compreender os labirintos nos quais a felicidade, nos dias de hoje, trilha. Bauman entende que uma das principais razões de infelicidade na actualidade tem que ver com o facto de o consumir ter ocupado o lugar antes ocupado pelo produzir. A tecnologia serve apenas como instrumento para controlar e dominar outros seres humanos. É também neste sentido que é notável a influência de Adorno. Enquanto Freud entende que o que move o homem é a libido, desejo sexual, em Bauman, também, à semelhança de seu mestre, o que move o homem é algo ligado à irracionalidade, o consumo exacerbado, e este, por sua vez, é gerador de sofrimento, frustração, decepção e, acima de tudo, é compulsivo. Portanto, o consumismo está, em grande medida, por detrás da infelicidade do homem contemporâneo.

O consumismo, de facto, como se verá num dos pontos do capítulo a seguir, constitui uma das grandes mazelas dos tempos contemporâneos. “*A pragmática variada das relações interpessoais*

*(o novo estilo de “política de vida”, como foi descrito com grande convicção por [...] Giddens), agora permeada pelo espírito do consumismo e colocando o Outro como fonte potencial de experiências prazerosas, deve ser parcialmente culpada”* (BAUMAN, 2009a: 82). Assim, o consumismo se apresenta, além de ser a causa da infelicidade dos homens, como uma arma por meio da qual que comete o alterocídio.

#### **1.4.A ideia de responsabilidade de Jonas**

Bauman, como já se afirmou, sofre grandes influências daqueles filósofos que se lançam à análise das maiores atrocidades, sobretudo das duas grandes guerras. Sendo Jonas, também, um desses pensadores, suas ideias constituem um destacado referencial para se compreender o pensamento de Bauman. Hans Jonas é um filósofo alemão cujas ideias têm sido amplamente discutidas nos tempos actuais, sobremaneira pelas condições ambientais extremas existentes no planeta.

Hans Jonas, o filósofo ético que dedicou a maior parte de sua obra à contradição entre o que deve e o que pode fazer a moralidade sob as condições de excessiva modernização, viu as raízes do problema nos extraordinários poderes da tecnologia moderna: a escala das possíveis consequências das ações humanas superara, de longe, a imaginação moral dos agentes... (BAUMAN, 1997: 247).

Com esse pensamento, percebe-se que Jonas dedica, de facto, seus trabalhos ao *dever ser e fazer*. Jonas, ao propor suas ideias, não tem apenas em vista o presente, mas o futuro. É por isso que se engaja pela permanência da vida humana na terra. A modernidade se apresentou como uma época de esclarecimento (como visto mais acima), onde a ciência e a razão se apresentam como o novo centro. Um dos maiores desafios, no entendimento de Jonas, tem que com o uso racional da ciência. Ele se esforça em colocar limites ao cientista, na medida em que as acções deste devem ter em conta o respeito pela vida e a garantia da permanência da vida na terra.

*“Não é tão claro o caso de outra ameaça apocalíptica da técnica moderna, a lenta destruição do meio ambiente, que pode terminar em uma não menor desolação e em sofrimentos quem sabe até maiores que uma repentina catástrofe...”* (JONAS, 2013:21). Assim como Freud, as considerações de Jonas são, também e em grande escala, dirigidas à modernidade. Assim como também em Freud, em Jonas também se nota o uso o termo *civilização* que, como já se afirmou, constitui propriedade exclusiva da modernidade. Ou seja, os modernos são os únicos, ao longo

da história, que tomaram a si mesmo como civilizados, sendo os restantes tidos como bestas, selvagens, irracionais, e outras qualidades negativas afins.

Bauman (1997: 248), comentando Jonas, entende que a responsabilidade moral, nos dias actuais, faz com que se alcance a estabilidade, em todas as dimensões inerentes ao bem-estar humano, desde a família, alimentação, educação, e outras. Ainda mais, a responsabilidade não consegue, diante dos desafios actuais, dar uma resposta prática, diante da negligência que nos tem dominado em relação a preservação do planeta, sobretudo para as gerações vindouras. Assim sendo, os princípios morais que guiam a humanidade, ontem e hoje, têm mãos poderosas, mas curtas, por isso, devemos, hoje, criar condições para que essas mesmas mãos cresçam e respondam às nossas demandas.

... Não é só que, ao proclamar a auto-suficiência da razão humana, a modernidade tenha rejeitado a pretensão de Deus de ditar a vida humana, minando assim o mais sólido fundamento em que se apoiou no passado a instrução moral. As raízes da presente impotência moral vão mais fundo. O “movimento moderno” pulverizou qualquer chão sobre o qual se fundar [sic] conceitualmente os mandamentos morais – minou a moralidade como tal: as responsabilidades morais não vão além das obrigações contractuais... (BAUMAN, 1997: 249).

Portanto, Bauman, cuja formação cruza áreas como a filosofia e a sociologia, sobremaneira, analisa a situação dos tempos actuais, mas não se limita, trazendo propostas de solução. Para trazer algumas das suas propostas, Bauman se lança às costas de outros filósofos, que são objecto de análise neste capítulo.

Jonas (2013: 27), partindo do conceito de técnica enquanto uso de ferramentas e dispositivos artificiais para o manejo da vida, entende que a técnica precedente à modernidade, sem dúvidas, era amiga do homem e do meio ambiente, na medida em que o uso das tecnologias tinha sempre justificações de necessidade. A técnica moderna, por sua vez, tem que ver, sobremaneira, com a eliminação do Outro, dos adversários, dos inimigos, e outros alterocídios afins. A técnica moderna é sinónima de excessos, exibicionismo e outras desvirtudes.

### 1.5.O conceito de crise em Hannah Arendt

Arendt é, sem dúvidas, a maior filósofa de todos os tempos. Com um grande número de obras publicadas, sobretudo na área da filosofia política, ela não se considerava filósofa. Mas suas influências mais significativas e seus mestres são grandes filósofos. Ademais, suas obras também são permeadas por teor típico da filosofia.

Arendt é amplamente citada nas obras de Bauman. Algumas vezes para destacar a luta desta filósofa contra todas as formas de opressão e totalitarismo. Bauman, através destas ideias, quer mostrar que nos tempos actuais há, de certo modo, a tendência de alguns regimes se tornarem totalitários. Em muitas partes do continente africano, onde, à primeira vista, se vive democraticamente, se assiste a situações que levam ao questionamento deste argumento. Os governantes tomam como missão a satisfação de suas próprias necessidades, deixando à leste àquelas do povo.

Deixem-me observar, no entanto, que até agora essa necessidade está buscando se ancorar, mas em vão, devido ao “vazio do espaço político”, para usar as palavras de Hannah Arendt. O que ela quis dizer é que em nosso tempo não existem mais lugares óbvios no corpo político a partir dos quais intervenções significativas e efetivas possam ser feitas a respeito da forma como nossa vida coletiva é vivida (BAUMAN, 2009a: 88).

Bauman quer, como Arendt, alcançar o bem-estar da *polis*, que passa pela política. Assim, entende que “*a humanidade contemporânea fala por meio de muitas vozes e sabemos que continuará a fazer isso por um longo tempo. A questão central é como reforjar essa polifonia em harmonia e impedir que se degenere em uma cacofonia*” (BAUMAN, 2009a: 89). Nestes termos, uma das questões centrais da contemporaneidade tem que ver com as identidades. Uma vez que os indivíduos que vivem na *polis* tem identidades diversas e, muitas vezes, excludentes, o que pode gerar conflitos. Bauman recomenda que, diante dessa multiplicidade, polifonia, nossos esforços estejam direccionados em como alcançar a harmonia. Não se deve, porém, confundir a harmonia com a homogeneidade ou uniformidade, dado que estes pressupõe, quase sempre, a existência de categorias hierárquicas.

Para se entender o processo de alienação do indivíduo em Arendt e Bauman, é imperioso entender de onde este é alienado. Assim, para ambos, tal fenômeno ocorre na medida em que as pessoas são retiradas, por meios diversos, do convívio do espaço público e passam a viver, unicamente, em suas esferas privadas (LOPES; DOS SANTOS, 2022: 87).

Com esse trecho, percebe-se que Bauman segue as trilhas de Arendt, na medida em que também afirma que o mundo contemporâneo tem como marca principal o individualismo, que leva à privatização. Bauman, assim como Arendt, luta contra a dominação do espaço privado pelo público. Fazer com que os cidadãos estejam mais preocupados com suas vidas privadas, é o mesmo que deixar os assuntos mais relevantes da *polis* nas mãos dos políticos, conquanto, o bem-estar diz respeito a todos. O espaço privado, na compreensão de Bauman, tem que ver com a ideia de continuação da transformação dos indivíduos em meros consumidores. Neste âmbito, as pessoas sentem-se mais felizes quando são rodeadas por edifícios (supermercados e outros destinados ao consumo), do que por seus próprios semelhantes, o que faz que toda atenção esteja virada ao consumo.

## 2. O advento dos tempos líquidos

Bauman, diante dessas influências de pensadores e teorias, dá mais vigor ao seu conceito de tempos líquidos. Sem dúvidas, a contemporaneidade apresenta-se como um período com características únicas. Essa particularidade pode ser notável em termos de da revolução da tecnologia, que tende a ganhar dimensões vertiginosas. Diante dessas realidades,

...o sociólogo Zygmunt Bauman preferiu denominar o presente momento histórico como “modernidade líquida”, contrapondo a fluidez e adaptação e instabilidade de tudo e de todos diante dos mais diversos eventos à solidez e quase imutabilidade dos mesmos na era que a antecedeu (“modernidade sólida”). Aliás, toda a sua obra se dedica ao estudo do estado líquido ou à liquefação de pessoas (naturais ou jurídicas), coisas e instituições e o que deles advêm e as consequências disto para a vida na era actual (LOPES; DOS SANTOS, 2022: 86).

Bauman, parte, para dar fundamentos firmes ao conceito de modernidade líquida, do pressuposto de que existiu, há tempos, um período denominando “modernidade sólida”, onde havia, como ilustra o nome, referências estáveis, ao nível político, social, cultural, entre outros. Deste modo, a modernidade líquida aparece-nos como negação imediata daquele período que o precede, e apresenta marcas totalmente inversas. “*Os autores das maiores distopias de outrora, como Zamyatin, Orwell ou Aldous Huxley, registraram suas visões dos horrores que assombravam os habitantes do mundo sólido moderno: um mundo de produtores e soldados estritamente regulados e maníacos pela ordem*” (BAUMAN; DONSKIS, 2013: 46).

Na compreensão de Bauman (2009a: 72), com a modernidade líquida advém uma metamorfose, a saber: o facto de todos passarem de produtores para consumidores, onde se o homem da modernidade sólida tomava para si a missão de produzir, o homem moderno-líquido toma para si a missão de consumir, sem reservas. Ele consome de tudo, desde objecto até mesmo o seu semelhante. Se antes havia um considerável número de produtores, hoje assiste-se ao contrário.

Esse consumismo exagerado cria, nos indivíduos, um sentimento de conforto, não vendo necessidade de produzir. Aliás, nestes tempos, se consome quase as mesmas coisas, mudando apenas as embalagens, sendo o interior (conteúdo) o mesmo. Portanto, nestes tempos, vale mais o exterior do que o interior, o consumir do que o ser, o parecer do que o ser, o contingente do que o essencial e necessário.

## CAPÍTULO II: CARACTERIZAÇÃO DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Neste capítulo, identifica-se as marcas distintivas da modernidade líquida. Essa pretensão se apresenta fundamentada no debate de existência ou não de um novo período histórico. Dentre as marcas da modernidade líquida, destaca-se o individualismo exacerbado, o consumismo, a existência e disseminação do medo e da insegurança e o desaparecimento do anonimato. Ainda mais, faz-se uma comparação entre a modernidade sólida e a modernidade líquida.

### 1. Tempos sólidos *versus* modernidade líquida

Ao longo da história, várias são as designações que uma considerável lista de pensadores usam para se referir aos tempos actuais, enfatizando, quase todo, os excessos que são apanágio dos nos tempos. Dentre as designações dos novos tempos vale a pena destacar a transmodernidade (Dussel), capitalismo tardio (James), hipermodernidade/ era do vazio (Lipovetsky), sociedade do cansaço (Chul-Han), entre muitas outras.

Para uma melhor compreensão dos textos e do pensamento de Bauman, há que se tomar em conta seus conceitos. Bauman, ao falar dos tempos líquidos, parte da constatação de que, há tempos, a humanidade teve bases sólidas (tempos sólidos), onde reinavam valores morais fixos e pouco instáveis. Nesse período, a humanidade tinha fundamentos firmes para agir. Mas, com o advento da contemporaneidade, esses fundamentos sofrem um processo de liquidificação.

Uma das mais famosas e icônicas frases de Nietzsche – tido, por alguns, como o inaugurador do discurso contemporâneo – é aquela que afirma que “Deus está morto”. Com essa ideia, mal interpretada e vista, quase sempre, como ataque ao cristianismo, o autor pretende fazer menção à degradação de valores, na contemporaneidade, onde não se tem referências fixas para guiar o agir dos homens.

A modernidade constituiu-se a partir da ruptura com o Renascimento. Este pretendia, como se percebe na nomenclatura, o retorno ao classicismo, como meio de fugir das “mazelas” trazidas pela Idade Média. Nestes termos,

são três as forças culturais mais significativas que operam durante o período renascentista: o humanismo, a reforma protestante e o avanço ininterrupto da

ciência. Destas três forças, a que mais profundamente influirá no advento da modernidade é sem dúvida a ciência. O progresso científico nesta época viu-se impulsionado fundamentalmente por dois factores: pelas necessidades de tipo técnico (armamento, navegação, etc.) e pela descoberta dos textos dos científicos gregos, especialmente de Arquimedes e do pitagorismo. O regresso aos clássicos – característica do Renascimento nas suas diversas manifestações culturais – influenciou positivamente a configuração da ciência moderna, cujo triunfo definitivo terá lugar no século XVII (CORDON; MARTINEZ, 2014: 234).

Com a citação acima, percebe-se que o Renascimento é, de facto e em grande medida, além precedente da Modernidade, um grande influenciador deste período. A Modernidade tem seus fundamentos no Renascimento, sobretudo na dimensão científica. Portanto, assim como todos os outros períodos históricos, a Modernidade encontra seus fundamentos no seu precedente imediato, o Renascimento.

Da mesma maneira, a modernidade líquida, nas palavras de Bauman, entende-se como ruptura com a modernidade. Uma das marcas deste novo período tem que ver com as exacerbações, os excessos e abusos. Se na antiguidade clássica reinava naturalismo e o misticismo; na Idade Média o teocentrismo; na Modernidade o cientificismo, na modernidade líquida assiste-se a um individualismo consumista sem precedentes ao longo da história.

“*A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da superfluidade, do refugio e de sua remoção*” (BAUMAN, 2005: 120). De facto, se vive em um outro período histórico, diferente daquele da Modernidade. Ou seja, são indubitáveis as mudanças, ao nível científico, político, social, económico, entre outras. Essas metamorfoses, nessa e muitas áreas, juntas, contribuem para a afirmação de um novo período histórico, como quer Bauman, da modernidade líquida. Líquida na medida em que já não se tem bases firmes, como acontecia na modernidade, sobretudo no que diz respeito à moralidade.

Em nenhum outro período da história da humanidade a questão do meio ambiente esteve em destaque como nos dias de hoje. É só nos tempos actuais em que filósofos, sociólogos, juristas, antropólogos e demais profissionais se engajam na consciencialização dos homens sobre a necessidade das boas práticas, de modo a garantir a permanência da vida humana na terra. Pensadores como Jonas (com sua heurística do medo), Boff (com sua ética ambientalista). Também, é somente a partir da modernidade líquida que são encontradas reflexões sobre os direitos da Natureza (Seres).

“...os homens do Renascimento nutriram um enorme desprezo pela cultura e pela arte medievais [...]. Ao mesmo tempo, substituíram o estilo medieval de vida, adoptando ideais, valores e modelos do humanismo clássico pagão” (COUTINHO, 2008: 12). Assim, da mesma maneira que os homens do Renascimento, ontem, propuseram o retorno ao classicismo (*status quo*) como meio de superação das mazelas do medievo, o homem contemporâneo, hoje, vê-se diante da mesma questão.

## 2. Marcas da sociedade líquida

Agora, contudo, foram adicionados à equação novos factores desafiantes e decisivos, que nenhuma outra civilização jamais conheceu: ameaças ambientais sem precedentes – desastres naturais atribuídos a mudanças climáticas, níveis inéditos de pobreza mundial, aumento do “excedente populacional”, desenvolvimento científico e tecnológico extraordinário -, que colocam nossas sociedades diante de dilemas gravíssimos; sem falar no declínio dos sistemas morais e políticos que tinham dado às instituições da modernidade certo grau de coesão e estabilidade sociais (BAUMAN, 2010b: 7).

A sociedade líquida, mais do que qualquer outro período, tem suas marcas distintivas. Essas marcas, sobremaneira, constituem um ponto comum dos estudiosos da pós-modernidade, embora alguns recorram a terminologias diversas. A verdade é que é de comum acordo que os tempos actuais têm a particularidade de ser permeados por excessos, em quase todas as dimensões.

Na compreensão de Viegas (2020: 14), está-se, na actualmente, a viver tempos de consideráveis metamorfoses. Elas ocorrem em escala global e seus efeitos fazem-se sentir, de forma directa, na vida dos cidadãos, em todas as dimensões. As mudanças exigem dos homens uma nova postura, de forma que não se trilhe por vias que levem a novos alterocídios.

Assim como ilustra a epígrafe que abre este ponto, a contemporaneidade representa, no leque de períodos históricos, o mais temível de todos, onde novas questões, nunca antes levantadas, são-nos impostas. Por detrás de todos estes aspectos, como já se fez menção, estão os excessos, que constituem, com outros elementos, suas principais características.

## 2.1. Consumismo

O filósofo coreano, Byung-Chul Han, em suas reflexões, se propõe a pensar as sociedades actuais nas mais diversas dimensões. Um dos seus trabalhos é a obra *Sociedade de cansaço*. O autor apresenta o cansaço como uma das características principais das sociedades. Esse cansaço, em grande medida, é provocado pelo consumismo, pelo individualismo, e outros excessos típicos da pós-modernidade.

A “sociedade de cansaço” é, por assim dizer, consequência lógica da “sociedade de consumo”. “A *sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram u, cansaço e esgotamento excessivos[...] o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando*” (HAN, 2015: 37). Assim, Han entende que, a sociedade actual não é mais aquela definida por Foucault (sociedade disciplinar), mas sim uma sociedade de cansaço.

Aparentemente, o consumo é algo banal, até mesmo trivial. É uma atividade que fazemos todos os dias, por vezes de maneira festiva, ao organizar um encontro com os amigos, comemorar um evento importante ou para nos recompensar por uma realização particularmente importante – mas a maioria das vezes é de modo prosaico, rotineiro, sem muito planejamento antecipado nem reconsiderações (BAUMAN, 2008b: 30).

A partir deste trecho, Bauman propõe-se a compreender o sentido e o alcance do consumo (consumismo), nos tempos actuais. Assim, ele parte da concepção habitual e trivial do consumo, para mostrar que, actualmente, o consumo ganhou novas características, que fazem do mesmo uma espécie de doença, onde os homens não têm possibilidade alguma de escolha.

O consumismo, como atestam diversos estudiosos da contemporaneidade, constitui uma das principais características dos nossos tempos. O consumismo, nos dias actuais, ganha dimensões existenciais, onde a humanidade e existencialidade passa a ser determinada pelo consumo. O *cogito* cartesiano, assim, sofre metamorfoses, e não é mais o pensamento que passa a determinar a existência.

“*Nada no mundo se destina a permanecer, muito menos para sempre. Os objectos úteis e indispensáveis de hoje são, com pouquíssimas exceções, o refugo de amanhã. Nada é necessário de fato, na é insubstituível* (BAUMAN, 2005: 120). Assim, o consumo de objectos ganha dimensões alarmantes, uma vez que não conhece limites. Esse consumo, quase sempre, é vazio (líquido) e efémero, ou seja, tem pouca duração e não tem fundamento.

Na compreensão de Baúque (2022: 37) vivemos, actualmente, numa era de crise de humanismo, impulsionado, em grande medida, pelo consumo exacerbado. Neste sentido, se em períodos anteriores à pós-modernidade já se notava essa crise de humanismo, nos tempos actuais a mesma ganha novas e preocupantes dimensões. *“O consumo na pós-modernidade torna a questão humanística numa dimensão mais preocupante do que já era nas épocas anteriores, condicionando, desta forma, o individualismo, o egocentrismo e outras formas desumanas”* (BAÚQUE, 2022: 37).

O consumismo não conhece limites, ou seja, hoje consome-se quase tudo, como mostra Baudrillard, os objectos são, nos tempos actuais, meros meios de consumo. O consumismo invade todas as esferas, desde as sociais, políticas, e outras.

Na compreensão de Baudrillard (2001: 9) os objectos são, nos dias actuais, as senhas, na medida em que por meios deles os indivíduos se expressam. Tudo agora pode ser reduzido a objectos, até mesmo o próprio homem. A suplantação da produção pelo consumo, iniciada nos anos 60, constitui principal elemento que catapultou este processo.

Na Idade Média, diferentemente da contemporaneidade, valoriza-se mais o interior das pessoas, e não só. Mas, com o advento da Modernidade (e da contemporaneidade) assiste-se a uma mudança, onde as pessoas e os objectos passam a valer mais pelo seu exterior, e não mais pelo interior.

Permita-me repetir: os membros da sociedade de consumidores são, eles próprios, mercadorias de consumo, e é essa qualidade que os torna integrantes legítimos dessa sociedade. Tornar-se e continuar a ser uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupações do consumidor, ainda que quase sempre oculto e poucas vezes consciente, que dirá explicitamente declarado (BAUMAN, 2013b: 29).

Na sociedade de consumo, o mesmo homem que propõe a consumir os objectos é, ele mesmo, uma mercadoria. O consumismo não conhece limites, assim, na sociedade líquida, as relações humanas são baseadas no mero proveito, onde há um maior número de interesses e benesses. O consumo, na sua dimensão exacerbada, faz com que a capacidade reflexiva do homem baixe, o que faz com que ele consuma de maneira frenética. Essa mudança traz consigo impactos consideráveis na vida humana.

Bauman entende que o consumismo usa como estratégia de sedução a sensação, pouco verdadeira, de que se tem muitas opções, quando, na verdade, está-se diante do mesmo objecto, tendo apenas sido modificado o seu exterior (aparência), daí a actualidade e ascensão da área de Publicidade e Marketing, que intenta, em grande sentido, servir de catapulta a um consumo cada vez mais acentuado, dos mesmos objectos (Cfr. BAUMAN, 2000: 182).

A fama costumava ser a estrada real para a imortalidade individual. Foi substituída pela *notoriedade*, que é um objeto de consumo mais do que *oeuvre*— algo produzido laboriosamente. Da mesma maneira que todos os objetos de consumo em uma sociedade de consumidores, a notoriedade é planejada para trazer uma satisfação instantânea que logo se esgota. Uma sociedade de consumidores é também uma sociedade de peças sobressalentes e materiais descartáveis, na qual a arte de reparar e preservar é redundante e já foi esquecida... (BAUMAN, 2009a: 220).

Nesse entendimento, nos novos tempos, marcados pela liquidificação das relações, a *notoriedade*, e seus atributos, suplantam o ser. O que tem mais prestígio é o instantâneo, o breve e o efémero. Conquanto, essas coisas têm a particularidade de ser desprovidas de profundidade, sendo facilmente esgotáveis e, com isso, exige um novo consumo, o que se torna num infinito círculo vicioso.

O prestígio e a boa-fama, hoje, são acompanhados, sobremaneira, pelo factor de consumo, onde só têm prestígio e valor aqueles que mais consomem e mais se exibem. É diante deste cenários que diversos pensadores, das ciências sociais, filosofia, e não só, se levantam para fazer críticas aos tempos em que vivemos, de modo a trazer propostas que estimulem melhorias.

## **2.2. Insensibilidade e medo**

Hans Jonas, em suas reflexões, postula que, diante do cenário que se vive actualmente, repleto de guerras, abusos, maus-tratos, excessos, enfim, cientificismo, o melhor método para acautelar e salvaguardar a humanidade e o planeta terra é o medo (heurística do medo). Jonas entende que, diante deste cenário, já que não basta a *responsabilidade* em si, deve-se apelar ao medo, que fará com os homens ajam tendo em conta o impacto directo de seus actos em suas próprias vidas (Cfr. JONAS, 2006: 70).

Na compreensão de Bauman; Donskis (2013: 86), uma das principais marcas dos tempos actuais é o medo. Este tende, aos poucos, a ganhar dimensões globais. Com isso, constata-se que o medo tem sido motivação para diversas acções desestabilizadoras do bem-estar social dos homens, seja ao nível político, económico, moral, entre outras dimensões. Em diversas partes do mundo se assiste a alterocídios motivados pelo medo e pelo proteccionismo de suas riquezas. Na África do Sul, por exemplo, tem sido hábito, de tempos em tempos, a existência de ataques xenófobos.

Para os governos e o mercado, é interessante manter acesos esses medos e, se possível, até estimular o aumento da insegurança. Como a fonte das ansiedades parece distante e indefinida, é como se dependêssemos dos especialistas, das pessoas que entendem do assunto, para mostrar onde estão as causas do sofrimento e como lutar contra ele. Não temos como testar a verdade que nos contam. Só nos resta então acreditar no que dizem. O mesmo ocorre quando nossos líderes políticos nos falaram que Saddam Hussein tinha armas de destruição de massa e estava pronto para detoná-las e quando nos dizem que nossas preocupações e problemas acabarão se os emigrantes forem mandados para casa. A natureza dos medos líquidos contemporâneos ainda abre um enorme espaço para decepções políticas e comerciais (BAUMAN, 2010a: 39).

No trecho acima, os argumentos de Bauman, quando questionado sobre a possibilidade de ser o medo, nos tempos actuais, uma das principais marcas das sociedades e, ainda mais, sobre o facto de todas artimanhas de segurança trazerem mais insegurança. Certamente que Bauman entende, como já se viu, que o medo é, de facto, uma das marcas da modernidade líquida. Na citação supra, Bauman mostra que o medo tem sido, ao longo dos tempos, sobretudo hoje, manipulado pelos líderes políticos e mercados.

O medo e o mal são irmãos siameses. Não se pode encontrar um deles separado do outro. Ou talvez sejam apenas dois nomes de uma só experiência - um deles se referindo ao que se vê e ouve, o outro ao que se sente. Um apontando para o "lá fora", para o mundo, o outro para o "aqui dentro", para você mesmo. O que tememos é o mal; o que é o mal, nós tememos (BAUMAN, 2008a: 74).

Com este pensamento, Bauman mostra que o medo nas sociedades actuais não pode ser tomado ou abordado de forma isolada, uma vez que este tem que ver, quase sempre, com o mal. O medo é a consequência lógica da capacidade e possibilidade que o homem tem cometer a maldade. Não se pode, de maneira alguma, falar de medo sem que se tenha em conta a maldade humana. Hipoteticamente, se o homem estivesse imune de cometer a maldade, certamente que o medo não teria razão de existência. Por sua vez, o medo faz com que os homens, em grande medida, se

tornem individualistas, olhando para seu semelhante como mero objecto ou meio a ser usado para atingir determinados fins.

### **2.3. Individualismo exacerbado**

No universo das metamorfoses ocorridas com o advento da contemporaneidade, destaca-se o individualismo, que se apresenta como uma das mais sonantes características da sociedade líquida. Este, embora seja uma questão de cariz social, se repercute nas mais variadas dimensões. Uma vez que os homens agem de maneira individualista, todas as dimensões (política, económica, ética, entre outras) se ressentem desta característica.

Na dimensão política, é notável que os governantes, assim como todos aqueles que, de certo modo, estão envolvidos na gestão de bens públicos (do povo), estão mais virados na satisfação de suas próprias vontades, em detrimento daquelas do povo, que é a maioria. No continente africano, tem sido notável a existência, nos meios de comunicação, de várias situações protagonizadas por governantes que evidenciam este aspecto.

*“O novo individualismo, o desvanecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados em um dos lados da moeda que traz do outro a efígie da globalização”* (BAUMAN, 2008a: 189). Certamente que o individualismo não é marca exclusiva das sociedades contemporâneas, conquanto, atingiu, nos tempos actuais, níveis nunca antes vistos na história da humanidade. É por isso que Bauman chama a essa jovem epifania de “novo individualismo”. Na mesma ordem, o autor entende que este individualismo, aliado à globalização, que segundo o autor, é um fenómeno de uma única face, negativa.

*“Os políticos prometem modernizar as estruturas seculares de vida dos seus súditos, mas as promessas são presságio de mais incerteza, mais insegurança e menos garantia contra os caprichos do destino”* (BAUMAN, 2000: 43). Assim, os políticos não mais devem ser vistos como salvaguardas do bem-estar ou da segurança dos Estados. Antigamente, os Estados detinham a nobre missão de garantir a vida dos cidadãos, hoje, as questões mais pontuais, como a paz, a economia, a liberdade e a justiça, não devem repousar, de maneira exclusiva, nas mãos dos políticos.

O espírito de comunhão e de busca comum pelo bem-estar já não se faz sentir. “...em lugar disso, encorajam seus ouvintes a se concentrarem na sua sobrevivência individual ao estilo “cada um por si e Deus por todos”- num mundo incuravelmente fragmentado e atomizado, e portanto cada vez mais incerto e imprevisível”(BAUMAN, 2000: 20). Nestes termos, a sociedade passou de uma sociedade de solidariedade para uma sociedade de individualismo, onde cada um busca, à sua própria custa e, muitas vezes, às custas de seus semelhantes, atingir seus fins.

Na compreensão de Ngoenha (2017: 20) as redes sociais criam condições para que o espírito de solidariedade deixe de existir, na medida em que o sofrimento do outro não é mais visto com os olhos da solidariedade. As redes sociais são, neste sentido, uma ferramenta de distanciamento social, paradoxalmente criados para dar mais vigor aos laços e interações humanas.

Outra característica dos tempos líquidos, ligada ao individualismo, é o desaparecimento do anonimato e da privacidade. Com o advento das Tecnologias de Comunicação e Informação, a vida humana tem ganhado novos contornos. Se antes a velocidade de circulação da informação era baixa, hoje atingiu níveis vertiginosos, razão para se afirmar que já não há barreiras. Ademais, como constatam diversos estudiosos, o mundo tem se tornado cada vez mais numa aldeia global, com a sistemática eliminação de fronteiras, sobretudo aquelas de carácter moral e cultural.

Mas, infelizmente, essa mesma tecnologia que facilita a circulação (rápida) da informação, tem sido permissível à desinformação e às vigilâncias (espionagens). A segurança, assim, se torna um sonho cada vez mais difícil de se realizar. Bauman, questionado sobre a questão da invisibilidade e do anonimato nos dias de hoje, reitera que, em 2011, foram publicadas, num jornal, no mesmo dia (19 de Junho), duas notas informativas que, apesar de, aparentemente não terem nenhuma ligação, estão profundamente conectadas.

Como qualquer notícia, ambas foram trazidas pelo “tsunami de informações” diário, duas gotas pequeninas num fluxo de notícias aparentemente destinado a ilustrar e esclarecer (e do qual se espera isso), enquanto contribui para toldar a visão e confundir o observador. Uma das matérias, da autoria de Elisabeth Bumiller e Thom Shanker, falava do aumento espectacular do número de *drones* reduzidos ao tamanho de uma libélula ou de um beija-flor confortavelmente empoleirado no peitoral de uma janela; ambos (*drone* e beija-flor) destinados, na saborosa expressão do engenheiro espacial Greg Parker, “a desaparecer em meio à

paisagem”. A segunda, escrita por Brian Stelter, proclamava a internet como “o lugar onde morre o anonimato”. As duas mensagens falavam em uníssono, previam e anunciavam o fim da invisibilidade e do anonimato, os dois atributos definidores da privacidade – embora os textos tenham sido escritos independentemente e sem conhecimento da existência do outro (BAUMAN, 2013b: 19).

A partir dessas duas notas informativas, Bauman se lança às reflexões sobre o facto de que em tempos líquidos, dificilmente se fala de anonimato ou de privacidade. O progressivo desenvolvimento tecno-científico, traz novas e mais sofisticadas formas de espionar as vidas alheias. A espionagem não é só entre pessoas, mas, mais do que isso, ela se torna um meio pelo qual os Estados criam condições de saber das potencialidades de outro Estado, de forma a se defender/atacar. Com a espionagem vem o acesso, exclusivo, a informações privilegiadas e úteis, que podem ter grande valor político.

### CAPÍTULO III: IMPLICAÇÕES DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Neste capítulo, explica-se algumas implicações da ideia de modernidade líquida. Uma vez que se trata de um conceito cujas ramificações se manifestam nas mais diversas áreas, vale a pena compreender os impactos destes na política e na educação, sem perder de vista o conceito de globalização, que constitui, de certo modo, uma das consequências da liquidificação das relações.

#### 1. Globalização e sua manifestação na modernidade líquida

Anthony Giddens – amigo de Bauman –, no início da obra: *o mundo em descontrolo*, narra o episódio de uma amiga que se lançara ao estudo dos hábitos e costumes de um grupo étnico africano. A amiga, quando lá chegou, fora chamada a se juntar aos moradores locais para um momento de diversão. Assim, ela supôs que fosse encontrar lá “maneiras tradicionais” de diversão, e ficara surpresa ao ver que, na verdade, se tratava de assistir um filme recente que, mesmo em algumas partes, fora do continente, não tinha estreado.

*“Vivemos num mundo de transformações, que afetam quase todos os aspetos do que fazemos. Para bem ou para o mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós”* (GIDDENDS, 2007: 17). De facto, os caminhos a que a globalização tem submetido o mundo são incompreensíveis, para quase todo o mundo. A verdade é que, independentemente da posição que cada um assume ante a globalização, o facto é que, decerto, estamos todos expostos aos seus benefícios e malefícios.

O pensamento de Bauman dificilmente é compreendido quando não toma em consideração o conceito de globalização, cuja epifania se faz sentir em diversas dimensões, na economia, na política, na socialização, entre muitas outras. Assim sendo, *“nesse nosso mundo que se globaliza, a política tende a ser – cada vez mais apaixonada e conscientemente – local”* (BAUMAN, 2009c: 17). Assim, embora aparentemente a globalização aproxime os Estados, na verdade ela puxa os mesmos para o local. Nestes termos, a ideia de uma política internacional cai por terra,

ou mesmo a ideia de uma *paz perpétua* entre as Nações, como queria Kant, que pressupunha a existência de uma liga de nações (Cfr. KANT, 2009: 19).

Apesar de a política estar a tomar vias locais, os problemas enfrentados hoje são de uma outra dimensão, global, assim sendo, o desafio é como usar essas políticas locais para fazer face a problemas de carácter global? Bauman reitera que a consequência que surge disso é que as pessoas tendem a se fechar cada vez mais, onde tudo, inclusive a paz, o bem-estar, a justiça, entre outras, passam a ser individualizadas, sendo, antes de tudo, inerentes a todo corpo social.

Bauman entende que as cidades, nos dias actuais, não passam de meros receptores, onde são armazenadas todas as mazelas causadas pela globalização. “...*Os cidadãos e aqueles que foram eleitos como seus representantes estão diante de uma tarefa que não podem sonhar em resolver: a tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais*”(BAUMAN, 2009c: 18). A descrença de Bauman tem que ver com as variadas crises que são enfrentadas na política, sobremaneira na representatividade da democracia. Assim, a grande questão que se coloca está ligada à criação de possibilidades de, por meio de meios locais, se fazer face a problemas globais.

No entendimento de Bauman, assim como os demais termos e expressões ligadas ao imperialismo, não passa de um novo termo para designar aquela pretensão de “universalização” que culminou com a discriminação e eliminação sistemática do Outro. Por isso, Bauman designa a globalização como sendo a “nova desordem mundial”, da mesma forma que a universalização tinha, em suas bases, a ideia de trazer uma “nova ordem mundial”.

Assim como os conceitos de “civilização”, “desenvolvimento”, “convergência”, “consenso” e muitos outros termos chaves do pensamento moderno inicial e clássico, a ideia de “universalização” transmitia a esperança, a intenção e a determinação de se produzir a ordem; além do que os outros termos afins assinalavam, ela indicava uma ordem *universal* — a *produção* da ordem numa escala universal, verdadeiramente global. Como os outros conceitos, a ideia de universalização foi cunhada com a maré montante dos recursos das potências modernas e das ambições intelectuais modernas. Toda a família de conceitos anunciava em unísono a vontade de tornar o mundo diferente e melhor do que fora e de expandir a mudança e a melhoria em escala global, à dimensão da espécie. Além disso, declarava a intenção de tornar semelhantes as condições de vida de todos, em toda parte, e, portanto, as oportunidades de vida para todo mundo; talvez mesmo torná-las iguais. Nada disso restou no significado de globalização, tal como formulado no discurso atual. O novo termo refere-se

primordialmente aos *efeitos* globais, notoriamente não pretendidos e imprevistos, e não às *iniciativas e empreendimentos* globais (BAUMAN, 1999: 66).

A globalização, assim como, por exemplo, a ideia de “civilização”, não passa de uma ideia enganosa, velada e com objectivos imperialistas. Bauman reconhece que, de facto, vivemos em um mundo globalizado, mas reitera, de forma veemente, que existem “forças anónimas” e com objectivos igualmente anónimos. Deste modo, a ideia de que a globalização fará emergir uma “nova ordem mundial” deve ser acautelada, uma vez que pode, em maiores proporções, culminar com mais um evento catastrófico de surgimento de uma “ordem” cujo objectivo é a eliminação do Outro e, neste sentido, isso corresponde à eliminação de Estados, daí o aumento das proporções desse empreendimento.

“...Segundo Zygmunt Bauman, guerras da era da globalização não incluem em seus objetivos conquista, aquisição e gerência de um território. Idealmente, são ataques-relâmpago (BAUMAN *apud* MBEMBE, 2018: 49). Achille Mbembe, comentando Bauman afirma que as guerras e o terrorismo, nos tempos actuais, se apresentam de uma maneira totalmente nova, na medida em que o objectivo destas já não está mais, como foi há tempos, na “expansão” territorial dos países. Hoje, com a globalização, as guerras e o terrorismo têm a finalidade de fazer os inimigos se submeterem aos desejos daquele que possui maior poderio militar e tecnológico.

## **2. Consequências da modernidade líquida**

Em filosofia, diferentemente de outras áreas, não deve apenas, ao analisar determinado problema, criar mecanismos de compreensão deste mas, igualmente, é necessário que crie propostas de solução de algumas questões. A essas propostas, ao longo da história, deu-se diversas nomenclaturas, Platão, na antiguidade grega, por exemplo, chamava a isso de mundo ideal; mais recentemente, Thomas More chama a isso de utopia.

Embora Bauman seja, muitas das vezes, visto apenas como sociólogo, vale ressaltar que este também é filósofo, na medida em que se formou, também, em filosofia, prova disso são as diversas influências de filósofos, alguns vistos no capítulo primeiro. Por essas razões, Bauman não se limita em fazer a simples descrição dos problemas que o mundo actual enfrenta, vai além, propondo mecanismos, ideais ou utópicos, para que se saia dessa condição.

## 2.1. A liquidificação da política

O medo e insegurança são, na compreensão de Bauman, um dos maiores males dos tempos actuais. A vida nos tempos actuais, parece ser mais segura, como ilustram as grandes cidades do mundo com as mais variadas medidas de segurança. Conquanto, apesar dessa pretensão, vive-se, actualmente, num meio repleto de medos, apesar da segurança trazida, em grande medida, pela tecnologia. “...o mimado e paparicado “nós” sente-se inseguro, ameaçado e amedrontado, mais inclinado ao pânico e mais interessado em qualquer coisa que tenha a ver com tranquilidade e segurança que os integrantes da maior parte das outras sociedades que conhecemos” (BAUMAN, 2009c: 8).

O homem, em certo momento, acreditou que, por meio da ciência e da técnica, pudesse se livrar de todos imprevistos e instabilidades da Natureza, de tal forma que ele poderia transcender e ter domínio sobre a Natureza. Mas, com o passar do tempo, o homem apercebeu-se que há, na Natureza, forças que escapam de seu controle e entendimento. Essas forças seguem leis própria, o que Bauman chama de ambivalência (que em certo momento se combateu).

Na visão de Bauman (2000: 27), o sentimento de insegurança, na modernidade líquida, é algo difundido, ou seja, todo mundo, de alguma forma, se sente inseguro. Essa insegurança é desfrutada em parceria com outras pessoas igualmente inseguras. Todos têm dúvidas sobre a duração do sentimento de segurança, que é efêmero, na medida em que não se sabe que tipos de pensamentos há na mente daqueles que os rodeiam.

As nações já não estão seguras no abrigo que foi a soberania política do Estado, outrora tida como garantia de vida perpétua. A soberania já não é o que costumava ser; a base de auto-suficiência económica, militar e cultural e de quase autarquia em que se apoiava foi paulatina e completamente destruída; a soberania anda de muletas — coxa e vacilante, cambaleando de um teste de aptidão frustrado para outro. As autoridades do Estado nem mesmo fingem que são capazes de ou desejam garantir a segurança dos que estão sob sua responsabilidade; políticos de todas as colorações deixam claro que, dada a severa exigência de competitividade, eficiência e flexibilidade, já “não podemos nos permitir” redes de segurança coletiva. Os políticos prometem modernizar as estruturas seculares de vida dos seus súditos, mas as promessas são presságio de mais incerteza, mais insegurança e menos garantia contra os caprichos do destino (BAUMAN, 2000: 43).

Na modernidade líquida, diferentemente de outros períodos, sobretudo daquele imediatamente precedente, reinava o espírito da solidariedade e os homens não viam seu semelhante como

ameaça. Já nos tempos actuais, na modernidade líquida, os homens tendem a olhar para seu semelhante como ameaça, é daí que surgem os diversos casos de alterocídio.

Outro factor que contribui para essa realidade tem que ver, segundo Bauman (2009c: 12), com a substituição, que ocorre na passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida, da solidariedade pela competitividade. No mundo actual, a competição tornou-se um novo mandamentos, onde quase todas as dimensões se vêem submetidas a ele (igrejas, escolas, empregos, na política, na economia, entre outras).

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana... (BAUMAN, 2009c: 9).

A queda da solidariedade e a ascensão da competitividade, como já se viu, constitui uma das principais razões para a falta de confiança na política. Bauman entende que uma das grandes questões dos Estados Modernos tem que ver com a administração do medo, ou seja, os Estados Modernos, aquando de sua fundação, tinham esta pretensão de colocar término ao medo, trazendo a segurança aos cidadãos.

O modo como a modernidade sólida administrava o medo tendia a substituir os laços “naturais” – irreparavelmente danificados – por outros laços, artificiais, que assumiam a forma de associações, sindicatos e coletivos *part-time* (quase permanentes, no entanto, pois consolidados pela rotina diariamente partilhada). A *solidariedade* sucedeu a *irmandade* como melhor defesa para um destino cada vez mais incerto. A dissolução da solidariedade representa o fim do universo no qual a modernidade sólida administrava o medo. Agora é a vez de se desmantelarem ou destruírem as proteções modernas – artificiais, concedidas. A Europa, primeira a sofrer a revisão moderna e todas as suas consequências, passa pela desregulamentação individualista número dois”, agora não por escolha própria, mas cedendo à pressão das incontáveis forças globais (BAUMAN, 2009c: 12).

No entendimento de Bauman (2009c: 13), outro factor que faz com a política seja líquida tem que ver com o facto de a mesma não conseguir alcançar a inclusão. Sem dúvidas, a inclusão é um dos grandes pontos da política nos tempos actuais. Conquanto, devido ao não alcance desse “sonho”, Bauman entende que os excluídos constituem, em grande medida, uma “classe perigosa”. Ademais, os altos índices de excluídos são reflexo da decomposição do Estado e da própria política.

Depois de vinte anos sem prestar atenção nas consequências sociais e humanas de um capitalismo global incontido, o presidente do Banco Mundial chegou à conclusão de que, para a maior parte da população mundial, a palavra "globalização" sugere "medo e insegurança" em vez de "oportunidade e inclusão" (HOBSBAWM, 2007: 54).

Com esta ideia, fica claro que a globalização, como já se afirmou, tem duas faces, sendo uma delas, a negativa, aquela que diz respeito ao facto de haver exclusão daqueles que não detêm condições, financeiras e de autonomia. Nessa lista, não só se enquadram pessoas, mas, também e sobremaneira, aqueles Estados subdesenvolvidos que, em variadas dimensões, são obrigados a consumir as produções alheias. Nestes termos, a globalização se apresenta apenas como um meio de difusão de injustiças, desigualdades e misérias.

Na compreensão de Bauman (2009c: 16) a omissão de grandes grupos, ao nível global, sua desvinculação da massa da população mundial, o aumento do distanciamento social-económico, são, sem dúvida alguma, uma das mais marcantes profundas características que dão voz e peculiaridade ao momento da passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida.

## **2.2. A fragilidade da educação**

A educação, sem dúvidas, é uma das mais destacadas áreas. É inquestionável o seu papel para o sucesso ou fracasso de uma nação ou de um Estado. Por essa razão, essa área tem merecido uma atenção sem precedentes, das mais variadas disciplinas do saber. A educação, na sua dimensão formal, aquela que deve ser garantida pelo Estado, é a que mais questões têm levantado, na medida em que esta está ligada, de forma mais directa, ao bem-estar da cidade. Assim sendo,

a grande exclusão que o homem pode sofrer é a educacional. A educação dá asas à criatividade. Quando o governo não garante uma educação escolar saudável, que responde às necessidades sociais do indivíduo, ele está a o excluir de participar no desenvolvimento de [...] um mundo [...] melhor (BAÚQUE; ZEFANIAS; MASSINGUE: 2022: 88).

Neste sentido, de acordo com os autores, analisando as mais variadas formas de exclusão que os seres humanos sofrem hoje, de seus líderes políticos, tem que ver com a educação, na sua dimensão sistemática. Porque a política hoje, mais do que qualquer outra área, tende a controlar e oprimir todas as outras dimensões, assiste-se a uma educação que não responde aos reais

problemas do povo. A educação, assim, serve de meio pelo qual os líderes políticos transmitem sua ideologia, que nada tem que ver com o bem-estar do povo.

No entendimento de Bauman (2010b: 40), a educação conhece, desde então, diversas metamorfoses. Ou seja, a história da educação é permeada por diversos momentos de crise, onde houve a necessidade de se repensar a mesma. Conquanto, sem perder de vista as crises de então, as crises da actualidade parecem, em grande medida, colocar em causa os fundamentos da educação. A educação, na contemporaneidade, devido às marcas típicas da modernidade líquida, tem sido alvo dos mais variados questionamentos, onde chega a se colocar em causa a sua pertinência e utilidade nos tempos actuais.

A educação, no mundo moderno líquido, é abatida com grandes desafios, dentre eles destacam-se aqueles descritos no capítulo II, com especial destaque para o consumismo. A educação, em seus mais diversos níveis, não escapa a essa realidade. *“O consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em seu gozo descartável. Sendo assim, por que o “pacote de conhecimentos” adquiridos na universidade deveria escapar dessa regra universal?”* (BAUMAN, 2010a: 23).

No capítulo I, na parte das influências ao pensamento de Bauman, abordou-se sobre a presença de ideias de Hannah Arendt no pensamento de Bauman. Arendt, em suas reflexões, também aborda a questão da crise educacional. A fragilidade (liquidez) da educação, assim como entende Arendt, ao analisar o sistema educacional dos Estados Unidos da América, apenas se manifesta na educação, mas ela não é, primeiramente, algo ligado a ela. A educação, como qualquer outra área que lida com problemas sociais, não é imune aos acontecimentos de outra natureza ligados à sociedade (Cfr. ARENDT, s.d: 2).

Mas, se isso fosse verdade, a crise no nosso sistema escolar não se teria transformado numa questão política e as autoridades responsáveis pela educação não teriam sido, como foram, incapazes de tratar o problema a tempo. Sem dúvida que, para além da espinhosa questão de saber porque razão o Joãozinho não sabe ler, a crise na educação envolve muitos outros aspectos. Somos sempre tentados a admitir que estamos perante problemas específicos, perfeitamente delimitados pela história e pelas fronteiras nacionais, que só dizem respeito a quem por eles é diretamente atingido. Ora, é precisamente essa crença que hoje em dia se revela falsa. Pelo contrário, podemos tomar como regra geral da nossa época que tudo o que pode acontecer num país pode também, num futuro previsível, acontecer em qualquer outro país (ARENDT, s.d: 2).

No trecho acima, a autor, num espírito antecipatório, faz menção à incapacidade (propositada ou não) dos governos – que hoje é realidade em vários países – de dirigir a educação. Tem-se usado a educação como meio para pacificar o povo, para distrair o povo dos esquemas de corrupção. Arendt entende que a educação não deve ter função alguma na política, na medida em que os políticos são (ou deveriam ser) pessoas educadas. Ainda assim, assiste-se a situações em que a educação se afilia à política, mas, como diz Arendt, os objectivos desse acto são meramente a dominação e manipulação daqueles que gozam de algum poder político. A política, por meio da educação, dá maiores fundamentos ao individualismo e à privatização, de tal forma que os problemas enfrentados em determinados pontos pareçam ser exclusivos.

Isso é contrário a tudo que a aprendizagem e a educação representaram na maior parte de sua história. Afinal, elas foram criadas na medida de um mundo durável, que esperava permanecer assim e pretendia ser ainda mais durável do que havia sido até então. Num mundo desses, a memória era uma riqueza; quanto mais para trás ela conseguisse ir e quanto mais durasse, maior era o seu valor. Hoje, uma memória tão solidamente ancorada parece ser potencialmente incapacitante, em muitos casos, desorientadora, outros tantos, quase sempre inútil (BAUMAN, 2010a: 25).

Com essa ideia, os autores mostram que, devido aos desafios que a educação enfrenta, nos dias actuais. O maior desafio que se apresenta tem que ver com o facto de que a educação, desde seu surgimento, ter sido projectada para lidar com realidades duráveis e fixas. No entanto, a realidade, na modernidade líquida, como já ilustra o nome, é efémera e volátil. Por isso mesmo, a educação deve ser repensada, de forma que possa estar em condições de lidar com a nova realidade.

Portanto, a fragilidade da política e da educação se apresentam como algumas das implicações da modernidade líquida. Essas áreas têm em comum o facto de ser inerentes ao bem-estar da população. Embora vivamos, de facto, numa era de liquidificação, sempre temos a possibilidade de, diante disso, criar utopias, que um dia possam trazer um novo e melhor bem-estar social, de forma a superar as mazelas que se fazem sentir.

## CONCLUSÃO

Terminada a monografia com o tema: *Cultura pós-moderna: uma análise das metamorfoses sociais a partir de Zygmunt Bauman*, pôde-se perceber que a pós-modernidade é um período que surge como consequência do desencanto do género humano perante as promessas das metanarrativas divulgadas pela modernidade.

O pensamento de Zygmunt Bauman surge como reacção aos males causados pela modernidade. Assim sendo, para edificar e dar fundamento às suas ideias ele recorre a outros pensadores. Dentre esses pensadores, têm destaque Jonas, Arendt e Lévinas. Estes filósofos, sobretudo os dois últimos, são analistas e críticos do nazismo. Assim sendo, se propõem a pensar os danos causados por este movimento, tendo em mente a edificação de uma sociedade melhor. É destas ideias que Bauman busca, por exemplo, defender a necessidade de haver responsabilidade, incondicional, pelo Outro; pela vida, humana e não só, e até pelo planeta terra.

A modernidade líquida, enquanto um período particular, apresenta marcas e características que a tornam peculiar, de forma a não ser confundida com outros períodos históricos. Bauman, para falar da modernidade líquida, parte do pressuposto de que existiu, antes, um período designado modernidade sólida, onde a humanidade tinha referências fixas e duráveis, neste período, parafraseando Nietzsche, Deus ainda estava vivo. Conquanto, contrariamente, na modernidade líquida, ocorre a efemeridade, o instantâneo, em suma, neste período, Deus está morto, como diz Nietzsche.

Assim sendo, a modernidade líquida se apresenta como uma época de excessos, de exageros. Se se consome, se consome por exagero, se reina o individualismo, é por exagero. Também o medo e a insegurança seguem o mesmo raciocínio. O consumo, neste período, não conhece limites, pois se consome quase de tudo, desde objectos, valores e, até mesmo, seres humanos. Na modernidade líquida, evita-se qualquer coisa que tenha como marca a durabilidade, uma vez que a regra é que se consuma de maneira instantânea.

Na modernidade líquida, não existe qualquer padrão que conduz a sociedade no seu todo. Indivíduos que partilham o mesmo espaço, incluindo habitacional, estão tão distantes uns dos outros e ligados ao mundo, mantendo desta forma, a força dos modelos de controlo social. A

sociedade pós-moderna é a sociedade de medo do amanhã porque esta sociedade encontra-se submersa em alicerces líquidos.

A sociedade está num período em que os seus princípios encontram-se subjacentes em uma base líquida, sem fundamentos e o efeito disso, tem sido, por exemplo, casamentos cronometrados, consumismo, quebra das relações sociais, exibicionismo, insegurança provocada pela internet através das redes sociais, individualismo, solidão e, incluindo o medo. Em outras palavras, está-se viver uma época de incertezas.

Portanto, na modernidade líquida, apesar da fragilidade que reina, há a possibilidade de se criar utopias. É nessa linha de utopias que, mesmo diante das crises, Bauman vislumbra a possibilidade e necessidade de uma educação e uma política que tomem responsabilidade pelo Outro. Bauman não se limita às análises, apresentando, também, propostas de ideias que possam guiar a humanidade num mundo em que reina a fragilidade e a liquidez.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### a) Do autor

BAUMAN, Zygmunt. (2013a). *A cultura no mundo líquido moderno*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2013b). *Vigilância líquida: diálogos com David Lyon*. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2010a). *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2010b). *Vida a crédito: conversa com CitlaliRovirosa-Madrado*. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2011). *A ética é possível num mundo de consumidores?* Trad. Alexandre Werneck. São Paulo: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2009c). *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2009b). *A arte da vida*. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2009a). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2008b). *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2008a). *Medo líquido*. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2007). *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2000). *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1999). *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_.(1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_.(1997). *Ética pós-moderna*. Trad. João Costa. São Paulo: Jorge Zahar.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. (2013). *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

#### b) **De outros autores**

BARSBOSA, Milena de Lima; SILVA, Rafael Bianchi. (2021). *Da alergia à alteridade a readmissão do Outro: a presença de Emmanuel Lévinas na proposta ética de ZygmuntBauman*. *In*Revista Dialectus, ano 10, nº 22, pp. 84-97.

BAUDRILARD, Jean. (2001). *Senhas*. Trad. Maria Kunher. Rio de Janeiro: DIFEL.

BAÚQUE, Armando Emília. (2022). *O consumo na pós-modernidade: uma época de crise do humanismo? InO hiperconsumo: Causas, Consequências e Desafios Éticos*. António Tomo; José Blaunde (org). Novas Edições Acadêmicas. pp. 26-41.

BAÚQUE, Armando Emília; ZEFANIAS, EgildoAlsson; MASSINGUE, Enoque Rafael. (2022). *As crises do homem contemporâneo: cultura, ciência e política em Moçambique*. Maputo: Afrikaya.

CÓRDON, Juan Manuel Navarro; MARTÍNEZ, Tomás Calvo. (2014). *História da filosofia: dos pré-socráticos à filosofia contemporânea*. Trad. Alberto Gomes e 70. Lisboa: 70.

COUTINHO, Jorge. (2008). *Elementos de história da filosofia medieval*. Lisboa: Universidade Católica portuguesa.

DA SILVA, Lorena Pereira. (2012). *Metanarrativas e jogos de linguagem: Lyotard e a crítica à modernidade*. São Paulo: EDUFOP.

DOS SANTOS, David Moisés Barreto. (2014). *ZygmuntBauman: vida, obras e influências autorais*. Vol. 4, nº 8, *in*Cadernos Zygmunt. Pp. 83-113.

FREUD, Sigmund. (2011). *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

GIDDENS, Anthony. (2007). *Mundo em descontrole*. Trad. Maria Borges. Rio de Janeiro: Record. 3ª ed.

HAN, Byung-Chul. (2015). *Sociedade do cansaço*. Trad. EnioGiachini. Rio de Janeiro: Vozes.

ARENDT, Hannah. (s.d). *A crise na educação*. [s.l: s.n].

HOBBSAWM, Eric. (2007). *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

JONAS, Hans. (2013). *Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*. Trad. Grupo de trabalhos Hans Jonas (ANPOF). São Paulo: Paulus.

\_\_\_\_\_. (2006). *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Trad. Marijane Lisboa; Luiz Montez. Rio de Janeiro: Contraponto.

KANT, Immanuel. (2009). *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: 70.

LÉVINAS, Emmanuel. (2004). *Entre nós: ensaio sobre a alteridade*. Trad. PergentinoPivatto; EvaldoKuiava; José Nedel; Luiz Wagner; Marcelo Pelizolli. Petropolis: Vozes.

LOPES, CintiaBarudi; DOS SANTOS, Thiago Luiz. (2022). *Diálogo entre Arendt e Bauman sobre os principais riscos à democracia na modernidade líquida pós-pandemia: o cidadão transformado em consumidor e a verdade factual ameaçada*. In *Studies in Multidisciplinary Review*, v.3, nº 2, pp. 85-106.

MBEMBE, Achille. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1.

NGOENHA, Severino Elias. (2017). *Resistir a abaddon*. Maputo: Paulinas.

VIEGAS, Mário Alberto. (2020). *Crise da moral ou moral dos nossos tempos? Desafios éticos*. Índia: Novas Edições Académicas.